

AS BARREIRAS SUBJETIVAS NO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO EM PAULO FREIRE

Mamadú Mutaro Embaló¹

Araci Asinelli-luz²

A partir da análise teórica e histórica das dinâmicas de poder entre oprimidos e opressores, e da internalização do opressor pelo oprimido, com base nos estudos de Paulo Freire (1921–1997), constata-se que a busca pela pedagogia da libertação, por parte dos oprimidos, enfrenta uma série de obstáculos, principalmente de natureza subjetiva e existencial. Neste contexto, partindo do princípio de que a educação vai além da mera transmissão de conhecimento, sendo fundamental para a formação de cidadãos conscientes de seu papel no mundo, de sua história e de suas raízes culturais, este trabalho busca analisar as barreiras subjetivas enfrentadas pelos oprimidos no processo de “conscientização” proposto por Freire, educador e filósofo amplamente reconhecido por sua abordagem educacional voltada às necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade social. O interesse em desenvolver esta pesquisa surge da relevância de refletir sobre o processo de conscientização na educação contemporânea, entendida como um conceito central nas reflexões de Freire sobre o processo educativo. A metodologia adotada é teórico-bibliográfica, baseada em uma análise interpretativa, com inspiração na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. A análise concentra-se nas principais obras de Freire, como *Educação como Prática da Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação* (1979). Acredita-se que a abordagem educacional de Freire, voltada às necessidades das classes populares, oferece alternativas eficazes para desmistificar a realidade e possibilitar a transformação contínua do mundo, sempre em direção à emancipação e à libertação humana.

Palavras-chave: Conscientização, Paulo Freire, Educação crítica, Emancipação, Barreiras subjetivas.

Considerações Iniciais

A educação, enquanto prática social e mecanismo de transformação, ocupa papel central na construção da consciência crítica e na promoção da humanização, sobretudo em contextos de opressão. Com base nos estudos de Paulo Freire, este artigo busca compreender as barreiras subjetivas enfrentadas pelos oprimidos no processo de conscientização, evidenciando que a emancipação não se restringe à transformação objetiva da realidade, mas exige uma profunda mudança interna, na qual os indivíduos precisam reconhecer e superar a influência do opressor internalizado.

¹Doutorando do curso de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, mutaro.embal07@hotmail.com

² Professora aposentada associada junto ao Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, araciasinelli@hotmail.com



O tema é particularmente relevante diante das desigualdades sociais persistentes, das múltiplas formas de opressão e das tensões existentes entre autonomia individual e ação coletiva. A pedagogia da libertação de Freire mostra que humanização e emancipação estão ligadas, envolvendo reflexão crítica, solidariedade e transformação social. O estudo adota uma abordagem teórico-bibliográfica, inspirada na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, e concentra-se na análise das obras de Freire, como *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Educação como Prática da Liberdade* (1967) e *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação* (1979). Busca-se, assim, compreender de que forma a educação emancipada pode contribuir para que os oprimidos reconheçam suas condições, enfrentem a dualidade imposta pela opressão e se engajem em processos coletivos de transformação social.

Este artigo, portanto, pretende oferecer uma reflexão sobre o processo de conscientização, ressaltando a importância da educação crítica e libertadora como instrumento de humanização, sem compromisso de esgotar o tema, mas abrindo caminhos para futuras pesquisas e práticas pedagógicas voltadas à emancipação dos indivíduos em situação de vulnerabilidade social.

A Educação e a luta pela superação da contradição interna no oprimido

Segundo Freire, a desumanização, embora seja uma possibilidade inerente à condição humana, se consolidou como uma realidade histórica, intensificada pelas estruturas de opressão. Nesse contexto, torna-se imprescindível refletir sobre a viabilidade e a urgência de um processo de humanização que, por meio da educação, permita aos indivíduos resgatar sua dignidade e capacidade de transformação, tanto no plano pessoal quanto social. Para o autor, a humanização é a verdadeira vocação do ser humano, um caminho que pode ser percorrido mesmo diante das diversas formas de desumanização impostas pela opressão. Essa perspectiva encontra eco quando o Freire afirma que:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (Freire, 1987, p. 20).



Nesse processo, os oprimidos desempenham um papel importante, ao lutar pela restauração de sua dignidade e liberdade, não apenas buscam sua própria emancipação, mas também contribuem para a transformação social como um todo. Para Freire, a educação é indispensável para superar a desumanização, pois por meio dela podemos desenvolver uma conscientização crítica, essencial para transformar a realidade de opressão e violência. No entanto, para que essa transformação se concretize, a solidariedade e a ação coletiva são fundamentais, pois, como afirma o autor, é por meio delas que os indivíduos conseguem se unir e agir de forma conjunta, mudando suas condições de vida e construindo uma sociedade mais justa.

Em outras palavras, a solidariedade e a comunhão são essenciais na busca pela humanização e transformação social. Ou seja, a busca pelo “ser mais” deve ser coletiva, e não isolada. O individualismo, ao contrário, conduz à busca egoísta pelo “ter mais”, o que desumaniza o ser humano, em vez de promover sua verdadeira humanização. Freire (1987), ao analisar a relação entre opressores e oprimidos, observa que a busca individual por poder ou sucesso pessoal reforça as desigualdades e perpetua a opressão. Isso acontece porque aqueles que perseguem o “ter mais” de forma egoísta se tornam “menos”, desumanizados, ao desconsiderarem as necessidades dos outros.

Esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos. Ninguém pode ser, autenticamente, proibido que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. (Freire, 1987, p. 48).

Portanto, a autêntica busca pela humanização deve ser solidária, em um processo coletivo de transformação, no qual todos possam exercer sua liberdade e alcançar seu pleno desenvolvimento. Assim, a luta pela liberdade e justiça não deve ser encarada de forma individual, mas como uma ação coletiva, pois a emancipação só se concretiza quando as massas oprimidas se unem e atuam juntas para romper com as estruturas que sustentam a opressão. Por isso, a pedagogia freiriana vai além do ensino tradicional, ela se configura como um ato de libertação, capaz de despertar a consciência crítica dos indivíduos e incentivá-los a se engajar na ação coletiva, com o objetivo de construir um futuro mais próspero e igualitário. Porém, como observa o autor, esse processo apresenta desafios complexos:



O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. (Freire, 1967, p.21-22).

Freire reconhece a complexidade e as dificuldades que os oprimidos enfrentam para se libertarem totalmente da influência do opressor. A luta pela libertação pode, paradoxalmente, levá-los a adotar comportamentos opressores, pois a estrutura de pensamento dos oprimidos é frequentemente moldada pelo contexto em que estão imersos. Nesse processo, para muitos, a própria condição humana acaba sendo associada à figura do opressor, o que torna o processo de libertação ainda mais desafiador. “Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora.”. (Freire, 1967, p. 21). O processo de conscientização é fundamental para quebrar essa contradição e possibilitar que os oprimidos reconstruam suas identidades de maneira autêntica e transformadora.

Para Freire, a conscientização dos oprimidos é fundamental, pois não apenas lhes permite compreender sua condição de subordinação, mas também os capacita a identificar as formas sutis pelas quais, muitas vezes inconscientemente, perpetuam a opressão. Ao se perceberem como “hospedeiros” do opressor, os oprimidos iniciam o processo de conscientização, que envolve uma reflexão crítica sobre as influências externas que moldam seus comportamentos, valores e crenças. Esse processo é descrito como a luta pela “dupla consciência”, na qual os oprimidos se veem divididos entre sua identidade autêntica e os valores impostos pelos opressores. Superar essa dualidade é, portanto, etapa crucial para a liberdade, pois permite que os oprimidos reconstruam sua identidade, resgatem sua autonomia e ajam coletivamente para transformar as estruturas de poder. No entanto, segundo Freire, há um risco nesse processo:

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida. (Freire, 1987, p. 21).



Isso ocorre, segundo Freire, porque a situação concreta de opressão ainda não foi transformada. Ele discute esse tema com mais ênfase e profundidade na obra *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire* (1979). Nela, o autor afirma que “A [...] estrutura de seu pensamento viu-se condicionada pelas contradições da situação existencial concreta que os manipulou. Seu ideal é serem homens, mas, para eles, serem homens é serem opressores.” (Freire, 1979, p.31). Desta forma, os oprimidos não devem lutar apenas pela sua liberdade, mas também pela transformação de sua própria consciência, superando a “hospedagem” do opressor dentro de si.

Na perspectiva pedagógica de Freire, a libertação não se resume a uma questão externa ou objetiva, mas envolve também uma transformação interna e subjetiva. A transformação começa na mudança da própria consciência, pois é a partir dessa mudança que os oprimidos poderão verdadeiramente agir sobre a realidade opressora. A luta pela liberdade, nesse sentido, se dá tanto no plano externo (a transformação das condições sociais e políticas) quanto no plano interno (a libertação das estruturas mentais que ainda refletem a opressão).

No entanto, segundo Freire (1987), o medo da liberdade pode ser uma barreira adicional para os oprimidos, pois eles temem o desconhecido e a responsabilidade que a liberdade acarreta, muitas vezes preferindo a segurança da subordinação, mesmo que esta seja opressiva. Como observa o autor: “Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão dessa sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão, com outro “conteúdo” o de sua autonomia.”. (Freire, 1987, p. 22). Dessa forma, muitas vezes os oprimidos hesitam em abraçar a autonomia, temendo a responsabilidade de preencher o “vazio” deixado pelo opressor. Assim, a luta pela libertação se configura como um processo contínuo de superação da contradição entre a opressão e a busca pela plena humanidade.

A pedagogia dos oprimidos é, no entanto, um instrumento essencial nesse caminho, mas deve ser construída com os oprimidos, e não para eles. A busca pela libertação é um processo que envolve uma reflexão crítica sobre as raízes da opressão e a criação de uma nova consciência social, capaz de possibilitar a verdadeira emancipação e a construção de uma sociedade mais justa e humana. Em outras palavras, a verdadeira



transformação só ocorre quando os oprimidos conseguem agir sobre a realidade opressora com uma compreensão crítica dessa realidade, reconhecendo suas causas e lutando para superá-las. Para Freire (1987), um elemento central dessa transformação é a dialética entre subjetividade e objetividade. Como afirma o autor:

Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas. A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da objetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade. (Freire, 1987, p.24).

Segundo Freire, portanto, a análise da realidade e a ação transformadora não podem se apoiar exclusivamente na objetividade nem na subjetividade isoladas. É na permanente dialeticidade entre os dois polos que se torna possível compreender a realidade de forma crítica e atuar sobre ela de maneira transformadora, evitando os extremos do objetivismo ou do subjetivismo. A subjetividade refere-se às experiências individuais e à construção interna de identidade dos oprimidos, enquanto a objetividade diz respeito à análise das condições sociais e políticas que sustentam a opressão. Essas duas dimensões precisam estar em constante interação, pois é somente a partir dessa integração que a mudança profunda pode ocorrer.

A educação não pode dissociar a objetividade da subjetividade, pois essas duas facetas estão profundamente interligadas e são inseparáveis. No contexto educacional, a objetividade que desconsidera a subjetividade, ou seja, uma análise da realidade que ignora as experiências e interpretações individuais dos alunos é o que Freire denomina objetivismo. Por outro lado, a negação da objetividade, que vê a realidade apenas como uma construção da consciência individual, configura o subjetivismo, que pode gerar uma visão fragmentada e desconectada da realidade externa ou objetiva. A verdadeira prática pedagógica deve integrar ambas as dimensões: a objetividade (que envolve o conhecimento acadêmico, as realidades sociais e históricas) e a subjetividade (que abrange as vivências, percepções e interpretações dos estudantes), criando uma relação dialética onde ambas se influenciam mutuamente.

Essa perspectiva dialética é fundamental na proposta pedagógica de Freire, que concebe a educação como um processo de transformação, no qual o conhecimento não é



simplesmente transmitido, mas sim construído de forma coletiva, por meio do diálogo e da reflexão crítica. A vivência subjetiva dos estudantes e o conhecimento objetivo devem se integrar para promover um aprendizado mais profundo e transformador. Dessa maneira, a educação não deve ser encarada como uma prática de imposição de saberes, mas como um espaço de diálogo e interação crítica entre o conteúdo e as experiências de vida dos educandos. Para Freire, a educação deve proporcionar aos alunos não apenas a reflexão sobre sua realidade, mas também a capacidade de agir para transformá-la.

Quadro: Barreiras Subjetivas no Processo de Conscientização em Paulo Freire

Barreira Subjetiva	Descrição / Manifestação	Implicações para a Conscientização
Internalização do opressor	O oprimido absorve valores e comportamentos do opressor, “hospedando” sua influência.	Dificulta o desenvolvimento da identidade autêntica; pode levar à reprodução da opressão.
Dualidade / Dupla consciência	Conflito interno entre a identidade autêntica e os valores impostos pelos opressores.	Impede ação consciente e autônoma; dificulta participação plena na pedagogia da libertação.
Individualismo / busca egoísta pelo “ter mais”	Priorizar interesses pessoais em vez da ação coletiva.	Desumaniza o indivíduo, reforça desigualdades e dificulta solidariedade e ação conjunta.
Medo da liberdade	Receio de assumir responsabilidade e preencher o “vazio” deixado pelo opressor.	Leva à adesão à subordinação; retarda o engajamento na transformação social e pessoal.
Racionalização imposta pelos opressores	Estratégia da classe dominante que distorce a realidade objetiva.	Cria percepção parcial da realidade; dificulta análise crítica e ação transformadora.
Subjetivismo ou objetivismo isolados	Ignorar a realidade social (subjetivismo) ou negligenciar experiências individuais (objetivismo).	Limita a compreensão dialética da realidade e a efetividade da educação transformadora.
Influência da situação existencial concreta	Condições históricas e sociais moldam o pensamento dos oprimidos.	Pode gerar visão distorcida do “homem novo”, associando liberdade a se tornar opressor; dificulta conscientização plena.

FONTE: O autor

A autêntica mudança educacional exige uma inserção crítica na realidade dos estudantes, o que se torna inviável quando a percepção dessa realidade está distorcida ou limitada. Por exemplo, quando interesses de classe ou ideologias dominantes moldam a forma como a realidade é percebida, a transformação genuína não ocorre.

Freire (1987) aborda o conceito de racionalização como um mecanismo de defesa utilizado pela classe dominante para distorcer a realidade objetiva e preservar seus interesses, dificultando a verdadeira transformação educacional. Essa distorção cria uma visão parcial da realidade, impedindo a conscientização crítica e a ação transformadora



dos oprimidos. Dessa forma, a racionalização torna-se um obstáculo à compreensão plena da realidade e à luta pela emancipação. Para superá-la, a prática pedagógica deve promover uma inserção crítica e consciente dos educandos, permitindo que compreendam sua condição social e, a partir dessa compreensão, ajam para transformar suas próprias realidades. A educação, nesse contexto, assume o papel de mecanismo de libertação, capaz de promover não apenas o conhecimento, mas também a conscientização crítica, capacitando os alunos a se tornarem sujeitos ativos na transformação social.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar as barreiras subjetivas enfrentadas pelos oprimidos no processo de conscientização, a partir das reflexões de Paulo Freire sobre educação, humanização e libertação. O estudo evidencia que a libertação não se limita à transformação das estruturas sociais externas, mas exige um profundo processo interno de reconstrução da identidade e de superação das influências do opressor internalizado. A dualidade de consciência, na qual o oprimido se vê dividido entre sua identidade autêntica e os valores impostos pelo contexto de opressão, emerge como um desafio central, pois dificulta a ação autônoma e consciente, tornando necessário um trabalho pedagógico que possibilite a reflexão crítica sobre essas contradições.

Além disso, o medo da liberdade e o individualismo comprometem a busca pela humanização, uma vez que a responsabilidade de preencher o “vazio” deixado pela expulsão do opressor pode gerar insegurança e hesitação. A pedagogia freiriana enfatiza que a libertação deve ocorrer de forma coletiva, com solidariedade e ação conjunta, permitindo que os oprimidos reconstruam suas identidades de maneira autêntica, compreendam a realidade social e atuem transformando-a. Outro ponto relevante é a necessidade de integrar subjetividade e objetividade de maneira dialética. A análise crítica da realidade objetiva, quando desassociada da experiência subjetiva, ou vice-versa, compromete a conscientização e a ação transformadora. Assim, a educação, segundo Freire, deve promover a construção coletiva do conhecimento, articulando saberes, vivências e experiências dos educandos.

Portanto, a pedagogia da libertação se configura como um mecanismo ético, político e educativo, capaz de enfrentar as barreiras subjetivas e contribuir para a humanização plena dos indivíduos. Superar essas barreiras é essencial não apenas para o



desenvolvimento pessoal, mas também para a construção de uma sociedade mais igualitária, equitativa e solidária, na qual a liberdade e a dignidade se tornem práticas concretas e coletivas. Este trabalho traz contribuições importantes para a educação e a sociedade. Ele ajuda a entender como a resistência interna à mudança e a formação da identidade acontecem em contextos de subordinação, segundo a obra de Freire. Na prática, os resultados mostram a importância de um ensino baseado no diálogo e na reflexão crítica, que permita aos educandos compreender a realidade e agir como protagonistas da própria história e da transformação social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a.ed. Editora. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

